

A Metafísica da Saudade e o Ateoteísmo de Teixeira de Pascoaes

1. Hora de revisitação *

A presente revisitação de Pascoaes, conferindo-lhe uma nova actualidade, não se mede por um ano, ainda que especialmente propício para o efeito – 2002-2003, ano cinquentenário da sua morte – mas por mais de uma década. Pode dizer-se que teve o início em 1984, com o aparecimento do primeiro volume das Obras de Teixeira de Pascoaes, reeditadas pela “Assírio e Alvim”, e prolongou-se por toda a década de noventa, em crescendo até hoje, intensificando-se neste ano comemorativo.

Nos anos noventa, foram publicadas ou defendidas nas Universidades portuguesas seis dissertações de doutoramento sobre Pascoaes e a sua obra (a primeira tinha vindo a lume em 1976, na Faculdade de Filosofia de Braga); foram publicados, pelo menos dez livros, seis opúsculos, seis números especiais de revistas ou com pasta temática sobre ele; realizou-se um “Colóquio sobre Pascoaes”, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, em Janeiro de 1995. Foi instituído o “Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes” pela Câmara Municipal de Amarante, em 1997, a atribuir regularmente por concurso. Além disso, foram apresentadas, em várias Faculdades de Letras das Universidades Portuguesas, dez teses de licenciatura ou de mestrado, que existem policopiadas em arquivo.¹

* O presente ensaio ontoteológico foi escrito nos finais de 2002, para ser integrado numa publicação em projecto e que não foi avante. Só agora vem a lume, com pequenas alterações.

¹ Cf. António Cândido Franco, *Uma Bibliografia de Teixeira de Pascoaes*, separata de “A Literatura de Teixeira de Pascoaes”, Lisboa, INCM, 2000.

Em contraponto e mais proximamente, nas duas recentes antologias de poesia mundial e de poesia nacional, ligadas à organização de “Porto-Capital Europeia da Cultura” em 2001, e de “Coimbra – capital nacional da Cultura”, em 2002, respectivamente, *Rosa do Mundo* e *Século de Ouro*, foi incluído apenas um poema de Teixeira de Pascoaes, em cada uma. Nas Actas do Congresso Internacional “Pensadores Portuenses Contemporâneos”, realizado no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, no âmbito da organização de “Porto-Capital Europeia da Cultura”, e vindas a público em Novembro de 2002, contam-se seis comunicações sobre Teixeira de Pascoaes e referências mais ou menos longas em muitas outras. Só foi superado por Leonardo Coimbra, que tem oito comunicações.

Parece que os filósofos e pensadores começam a apreciá-lo mais que os literatos e poetas. É sabido que o apreço da crítica literária pela obra do Poeta-Filósofo da Saudade bem como a audiência do público leitor oscilou fortemente durante a sua vida e depois da sua morte.

A marca neo-romântica da sua poesia foi sendo preterida pelo gosto modernista e neo-realista. O Saudosismo, como doutrina poético-mística, foi contestado pelo idealismo racionalista da “Seara Nova” e erguido como bandeira ideológica do movimento cultural “Renascença Portuguesa”; e a sua campanha entre 1912 e 1919 não teve repercussão duradoura nos meios intelectual, político e social. Por isso o Poeta se refugia em Gatão, passando a escrever mais em prosa do que em verso, aprofundando e alargando o seu pensamento metafísico-religioso, agora mais voltado para o Homem universal do que para o Homem português.

O contraste com a cultura dominante, que já vinha das décadas anteriores, acentua-se depois da sua morte, em 1952, e transforma-se em silêncio, depois do “25 de Abril” de 1974. Até porque, pouco tempo depois, assistimos, no nosso meio cultural, a uma autêntica mitificação do seu émulo Fernando Pessoa.

Mas, finalmente chegou a sua hora, como acentuamos no princípio, a hora da revisitação. E somos levados naturalmente a perguntar porquê?

A resposta não pode ser senão a descoberta de que o seu pensamento poético-metafísico e religioso se coaduna com a mentalidade destes tempos ditos pós-modernos. Depois do passamento da idolatria da Razão e do cientismo anti-religioso, da morte da “morte de Deus”, assistimos à libertação e ao ressurgimento da inquietação metafísica e do sentimento religioso, ainda que envoltos na névoa da irracionalidade, como fuga ao vazio de sentido e ao medo do fim da história. Há uma vaga de misticismo naturalista, revelado na procura e retoma de antigas tradições,

que sobreviveram aos avatares da modernidade, ou na criação de novos ídolos, resultantes da tendência mitificadora do espírito humano, potenciada pela cultura de massas e pela manipulação dos “media” contemporâneos, em expansão descontrolada.

Importa comprová-lo, apresentando uma breve síntese do pensamento do visionário de *Marânus* e sonhador de *Duplo Passeio*, acompanhada de alguns apontamentos de crítica.

2. Metafísica da Saudade

Podemos dizer que Pascoaes, na segunda fase da sua vida de Poeta-Filósofo, aprofundou e formalizou racionalmente a sua metafísica da Saudade, levando-a às últimas consequências ontológicas e teológicas, embora sem nunca deixar de ser Poeta.

Com efeito, partira da vivência mito-poética do sentimento-ideia da saudade, manifestando-se como dualidade de memória e desejo, lembrança e esperança, dualidade central na experiência do tempo e na compreensão da própria existência. Tornou-se para ele a musa tutelar, a fonte de inspiração da sua poesia.

Depois, descobriu nela a chave de interpretação do destino humano, do sentido da vida, da história Pátria e do próprio Universo. Finalmente, aparece-lhe como esquema constitutivo de todas as coisas e mesmo de Deus, como símbolo ontológico e teológico, exigindo uma nova lógica, a lógica do paradoxo da união e pugna de contrários.

Neste processo de transcendentalização da saudade, de desenvolvimento do seu poder simbólico e hermenêutico, ela é mitificada, colectivamente, como alma da Raça e, ontologicamente, como deusa ou pessoa divina, libertando a Pátria da sua decadência e reconduzindo-a à sua missão e aventura espiritual em favor da Humanidade, levando toda a Humanidade (Adão e Eva) de regresso ao Paraíso, ao Mistério da Origem e da Meta final, ao Reino do Espírito. Mas aí não encontrará a libertação definitiva do mal, pois aí, em Deus, encontrará o seu contrário – Satã, isto é, Deus dividido em Bem e Mal. E então tudo começará de novo. Eterno retorno?

A vivência poético-romântica da saudade acompanha ou transforma-se, gradualmente, em vivência ética da luta entre o bem e o mal, a tragédia da vida humana; finalmente, a partir de 1915, enquadra-se e fundamenta-se no dualismo ontológico, de matriz gnóstico-maniqueia, que concebe todas as coisas como união ou síntese de contrários: luz-trevas, matéria-espírito, vida-morte, Deus-Satã, Jesus-Pã.

Na primeira fase da produção poética, este dualismo, embora aflo-
rado aqui ou além, é secundarizado pela mundividência de um evolucionismo naturalista e panteísta, de base científica e intenção espiritualizante, na sequência de Sampaio Bruno e de Junqueiro. O Poeta vê em todas as coisas naturais o seu duplo ideal, ou seja, nas aparências vê a essência, no tempo a eternidade, no Universo a Divindade. O mundo invisível é mais verdadeiro do que o mundo visível, a sombra mais clara que a luz. Ao Homem compete a missão de transpôr este mundo material, ver o Invisível no visível, espiritualizar a Natureza.

Mas os seres psíquicos, com os quais povoa o Universo, são criados por ele, projecção e mitificação operadas pelo seu esforço. O Homem é o criador dos deuses, quer do cristianismo, quer do paganismo, orientais e ocidentais. Todos se igualam, embora sejam cada vez mais perfeitos, ao longo da história. Jesus irmana-se e convive com os deuses pagãos: Apolo, Vénus, Pã, Buda, apesar de o cristianismo ser mais perfeito que o judaísmo e que o paganismo.

A crise deste criacionismo e evolucionismo espiritualista e ético-religioso acontece depois do fracasso da campanha saudosista, a partir de 1919.

O Poeta inflecte a sua inquirição para a interioridade de si mesmo e para a relação com os outros, para o mistério do Homem universal e do seu lugar no Universo. É o tempo de *O Bailado* e de *O Pobre Tolo*.

A partir de 1934, com o início das grandes biografias, abre-se mais exclusivamente à dimensão ontológica e teológica desse mistério da condição humana. Sempre guiado pelo esquema interpretativo da Saudade, intimamente ligado ao tempo: nunca abandona o paradoxo da união e a luta de contrários, antes o formaliza e o aplica ao próprio Deus.

Além de dissecar a natureza complexa da Saudade, abstraindo dela um quadro lógico, quase lúdico, de contrários – um anti-saudade e uma não saudade – substitui o princípio de não contradição, a outra face do princípio de identidade, tido classicamente como supremo e intransponível, no dizer e no ser de tudo quanto há, pelo princípio de contrariedade, que enuncia a oposição e a complementaridade dos contrários, e que hegelianamente é dito pelo princípio de contradição.

Afirma expressamente em *S. Jerónimo e a Trovoada* e em *Duplo Passeio*: “A questão não é ser ou não ser; é ser e não ser. O princípio de identidade tradicional – A é A – é falso. O verdadeiro é: A é A e não A”.³

² Teixeira de Pascoaes, *S. Jerónimo e a Trovoada*. Porto: Lello e Irmão Editores, 1936, p. 58.

³ Idem, *Duplo Passeio* in “Obras Completas”. Ed. José Prado Coelho, X, Lisboa: Bertrand, 1975, p. 232.

3. A unidade absoluta do ser e a unidade dialéctica do ente

Nesta posição, Pascoaes desconhece a diferença ontológica, já então formulada por Heidegger e tornada fulcro da sua crítica à metafísica ocidental, que acusou de se tornar ontoteológica, por esquecimento do ser e tratamento apenas do ente como tal e de Deus como se fosse ente.

Isto é, também Pascoaes não distinguiu o ser verbo, no infinitivo, do ser substantivado ou substantivo, equivalente a coisa, ente, nas línguas vernáculas, nem distinguiu o ser puro do ser misto de não-ser, que constitui o ente como ente, enquanto o limita a um a modo, parte e grau de ser.

Daí que, entre a exclusão radical, total, e absoluta do não-ser pelo ser puro – esta é a actividade intemporal, ou o exercício da sua forma, a esseedade – e a exclusão diferenciada, relativa e parcial do ser misto de não-ser, própria de todo o ente, Pascoaes preferiu a segunda, ou seja, a exclusão parcial e diferenciada do não ser pelo ser misto de não-ser, que constitui o ente como tal, composto de dois princípios antagónicos, fontes de atracção e repulsão, amor e ódio, prazer e dor, como elementos idêntico e diferente, comum e próprio, isto é, como contrários. Assim manteve e fundamentou o dualismo gnóstico-maniqueu, em que desde o início encastou o seu pensamento poético e filosófico, e postergou a exigência de unidade absoluta, provinda do Ser puro e do princípio de não contradição.

Estabelece, portanto, como princípio primeiro ontológico, o princípio de contrariedade: uma coisa é simultaneamente ela mesma e o seu contrário; não se define sem referência ao que ela não é; eu sou eu mesmo e não eu, ou outro; não sou eu sem a oposição do outro, com o qual sou idêntico e diferente.

Faltava aplicar este princípio a Deus. É o que passa a fazer no tempo das biografias, sobretudo no *S. Agostinho* e no *Duplo Passeio*, inventando o conceito de ateoteísmo e explanando a sua compreensão. Aí concebe Deus como união dinâmica de contrários.

Desde 1915, em *Uma Carta a dois Filósofos*, concebe a criação como cisão de Deus, portanto, como raiz de dualismo teológico: *O Mal e o Bem existiram quando o mesmo se fez Outros*. Ao criar Deus divide-se em si mesmo: *Deus-Mesmo, divino e transcendente e Deus-Outros, nocturno e diabólico. Satanás revelou Deus a Deus*.⁴

Que levou Deus ao acto criador e à consequente cisão em si mesmo?

⁴ Idem, *Uma Carta a dois Filósofos*, in “A Saudade e o Saudosismo”. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998, p. 181.

Nesta fase, Pascoaes admite que a cisão em Deus aconteceu por força do Destino, por inelutável e misteriosa necessidade do "Fatum", esse limite, impenetrável de treva a que nada escapa – nem Deus, transpõe para ele a necessidade absoluta.

4. O ateoteísmo

No tempo das biografias, radicaliza este dualismo teológico e chega ao conceito de ateoteísmo; a criação não é concebida como mera cisão em Deus, que persistiria como tal, mesmo dividido, mas como aniquilação. Deus-só-Deus ou Princípio primordial, ao criar e para criar, esvazia-se de si mesmo, torna-se nada, aniquila-se, para se tornar Criador. Portanto, Deus-só-Deus, ao fazer-se Criador, não opera uma metamorfose ou simples mudança, mas dá-se a morte a si mesmo, cometendo um suicídio, no caso um deicídio. E assim torna-se Deus-sem-Deus ou Deus ateu. Isto é precisamente o que exprime o conceito paradoxal de ateoteísmo. Pascoaes chega a afirmar que Deus é o único ateu verdadeiro.

Notemos, porém, que o ateísmo é atribuído a Deus e o ateoteísmo pertence a Pascoaes. Para este, afirmar Deus Criador é afirmar Deus, que se fez nada para criar e que persiste apenas na sua obra, a Natureza, o Universo, e com ele se identifica, pois por ele se aniquilou. Deus-sem-Deus, ou Deus ateu, tornou-se o mundo, a sua obra. E assim, desaparecido o Deus-só-Deus, Princípio primordial, permanece o Deus Criador, o Deus-Mundo.

Estamos, pois, no panteísmo mais radical, porque nada transcende o mundo, mas Deus fez-se Mundo; este é divinizado. Assim, é possível negar a Deus transcendente, proclamar a sua morte – e afirmar Deus imanente – Deus Criador, Deus-Mundo – ou seja, é possível ser ateoteísta: simultaneamente ateu e teísta.

Mas, para que tal seja possível sem contradição, é preciso tomar o termo Deus de "ateu" em sentido diferente do termo Deus de "teísta", introduzindo a metamorfose em Deus, Princípio primordial, Deus-só-Deus. E admitir a mudança em Deus-só-Deus, infinito, perfeito, transcendente ao mundo, equivale a negar que seja isso mesmo, isto é, que seja infinito, perfeito, transcendente. Quer dizer, significa entrar em contradição, atribuindo ao conceito de Deus uma compreensão com notas contraditórias. Daí que não seja possível ser ateu e teísta ao mesmo tempo, mantendo o mesmo conceito de Deus nos dois membros do oxímoro ateoteísmo.

A não ser que Deus seja concebido, desde o começo, como ente, e não como ser puro, infinito, absoluto, embora se lhe atribua o nome de

Ser. É o que acontece com Pascoaes, quando substitui o princípio de não contradição pelo princípio de contrariedade, ou de oposição e complementaridade de contrários. Tudo quanto existe é ente, mesmo Deus; por isso, é uno e plural, ele mesmo e outro; põe o que é e opõe o que não é; para afirmar o que é, tem de negar o que não é.

E assim pode admitir nele, no ente, a mudança ou metamorfose. O mesmo ao fazer-se outro não deixa de ser ele mesmo, muda simplesmente ou transforma-se acidentalmente. Mas Deus, ao fazer-se muitos, deixou de ser ele mesmo, fez-se nada, o que seria impossível se fosse concebido como ser puro.

Neste equívoco de tomar o ser puro como se fosse ente e considerar como seu contraditório, não o não-ser, mas o não-ente ou nada, caiu Hegel e caem todos os evolucionistas panteístas, reintegracionistas ou indefenidamente retornistas.

O ser puro é, segundo Hegel, totalmente dialéctico, ou seja, contém a contradição entre ser e não ser. Isto manifesta-se claramente já no início do movimento dialéctico, ainda plenamente indeterminado. Com efeito, para ele, nesse início vale a afirmação: o Ser puro e o Nada puro são, portanto, a mesma coisa. Ambos desaparecem no seu oposto e a sua verdade é, pois, este movimento de desaparecer imediato de um no outro. Daí que só o movimento existe; o ser e o nada são apenas momentos do próprio "fieri", ou seja, existem como idênticos entre si e, de modo nenhum como, tais; nunca procedem outra vez da sua união, como tais, abstractamente tomados. Por isso, nem no céu nem na terra se dá alguma coisa que não contenha em si a ambos, o ser e o nada; sobretudo, o movimento é a própria contradição existente. E, portanto, todas as coisas são em si contraditórias, porque elas incluem necessariamente o movimento.

Como vemos, Hegel distingue o ser puro do nada puro, mas trata-os conceptualmente como se fossem ente e não-ente. Com efeito, põe a contradição no próprio ser, isto é, divide o ser puro no início de tudo, do movimento dialéctico, em ser e não-ser, embora abstractamente, ou no plano do pensamento, porque no próprio movimento real são idênticos. E explica o movimento precisamente como este desaparecer dinâmico de um no outro.

Ora, o ser puro, verbo infinitivo, é efectivamente actividade e exactamente a actividade de excluir o não ser. Por isso, não pode estar nele a contradição, não lhe pode estar aposto, como oposto, o não ser ou nada absoluto. Pelo contrário, todo quanto é se define como exclusão do não-ser; esta é a sua actividade, o seu agir, o exercício da forma esseedade.

Só o ente tem ser e não-ser, ao mesmo tempo, porque não é o ser puro, mas tem o ser, restrito a um modo, parte ou grau de ser; e a restrição ou limite apenas pode ser atribuída ao não-ser, pois não pode provir do ser, de si infinito, ilimitado. Ao ente substantivo opõe-se o não-ente ou nada substantivo, como contrário; mas esta oposição não é absoluta, como ser e não-ser (verbos); pois ele, o não-ente ou nada, exclui o ente, mas não exclui o ser puro, que está fora e para além do ente, quer dizer, entre ente e não-ente há um terceiro que não é excluído – o ser puro.

Assim, entre ente e nada ou não-ente, há contradição relativa, ou contrariedade, porque todo o ente contém referência ao seu contrário, àquilo que ele não é e do qual se diferencia, pois, por si, não limita a actualidade de ser do ser puro, infinito.

Aqui, nesta oposição de contrários, o movimento e a multiplicidade dos entes, os quais (movimento e multiplicidade) não tocam o ser puro, são por este, enquanto plenitude de perfeição, absolutamente excluídos. O agir do ser puro é sem trânsito, pois não é passagem da perfeição para a imperfeição ou vice-versa; é sempre o mesmo, eternamente (o que não podemos compreender positivamente, mas apenas negativamente, removendo o tempo, depois de remover o movimento como trânsito de um estado a outro, de um lugar a outro, como acontece com os entes da nossa experiência intelectual-sensitiva).

5. O ateoteísmo e o Deus pessoal

Mas voltemos a Pascoaes. Na definição do ateoteísmo aproxima-se de Hegel. Atribuindo a mudança, a metamorfose, a Deus, situando-a no seu interior, redu-Lo à categoria de ente, porque só neste pode haver movimento, passagem do menos ser para o mais ser e vice-versa. Deste modo, tenta fugir à contradição e tornar inteligível Deus ateu, Deus-sem-Deus. Mas ilusoriamente, pois, conceber Deus como ente é negá-Lo no que tem de próprio, como transcendente, mistério, perfeição pura; é mundanizá-Lo, embora se continue a considerá-Lo divino. É contradizer-se.

Com o conceito de criação como esvaziamento de Deus, ou nadificação operada por Ele mesmo, Pascoaes não está longe da teogonia e cosmogonia da gnose moderna, patente em Sampaio Bruno. Este introduz, como mistério indecifrável, a discontinuidade, a cisão no Homogénio absoluto, que, pela queda originante da criatura, se faz Deus diminuído e que, por isso, através do mundo e do homem, busca a redenção e reintegração final, o regresso ao Homogénio inicial. Mas Pascoaes é mais radical,

aproxima-se de um panteísmo estrito, pois Deus-só-Deus faz-se nada e fica apenas o Deus-Criador, que não pode ser criador sem criatura ou o Deus-mundo; e portanto, a criatura diviniza-se e Deus é mundanizado.

No entanto, por vezes, parece esquecer esta explicação mobilista no interior de Deus e fixar-se apenas no paradoxo ou simultaneidade do Deus-Nada, o ateísmo, e do Deus-Mundo, teísmo; opta pela indeterminação, por falta de razões para decidir, estimulado pelo princípio de indeterminação física, segundo o qual não é possível determinar o tempo e o lugar da partícula atómica. Para ele, não é possível ser ateu ou teista, afirmar Deus ou negá-lo, mas somente ser ateoteísta, isto é, fazer uma afirmação negativa de Deus, ou uma negação afirmativa. Permanece, pois, no meio, no interstício que separa e une Deus e o Nada, Deus e o Mundo.

Quer dizer, Pascoaes parece recuar para o indeterminismo metafísico e para a incerteza gnoseológica. Da união e luta de contrários, passa à estabilidade sem luta, à simples justaposição da contrariedade, à admissão do absurdo lógico, da afirmação negativa e da negação afirmativa, à desistência da evolução gradativa espiritualizante, futurista, messiânica, da primeira fase. Fundamenta-se na incerteza, no desânimo, na indecisão. Fixa-se no paradoxo, na ambiguidade, na busca ... Pode dizer-se que poeticamente se situa no fim da modernidade e metafisicamente se quedou à porta da pós-modernidade, como precursor.

Quer dizer, deixou o Bailado dos contrários, apesar de tudo, ascendente, purificador, impulsionando para Deus; e acabou fazendo a figura do Pobre Tolo, espedado no meio da ponte de S. Gonçalo, sem atinar por onde sair, para não perder nenhuma das margens e ficar com ambas à mão.

Pobre Tolo o Poeta-Filósofo do ateísmo de Deus e do ateoteísmo? Sem dúvida. Mas, para ele, Pobre Tolo é também o Homem universal. Portanto, também nós.

E aí ficamos?

Não, necessariamente, porque há uma saída. Em vez de saltar para os lados, alternadamente, no Bailado dos contrários, ou ficar imóvel, indeciso, sem poder recuar nem avançar, no meio da ponte, é possível saltar por cima, elevar-se através do intervalo, no interstício, ou fenda aberta entre os contrários, que se chocam e não se bastam. Então, é possível divisar, no Alto e Além, o Ser puro, a Plenitude do Ser, não indefinida como o espaço e o tempo, não um vazio de indeterminação ou nada, mas infinita, positivamente sem limites, porque excluindo o não ser, eterna, porque sem movimento num espaço-tempo real ou imaginário, sem princípio, nem fim.

E aqui ficamos?

Ainda não, pois podemos ir mais além. Podemos conceber o Ser puro, a Plenitude da perfeição de Ser, ao nível do ente mais perfeito que existe no Universo e, portanto, mais próximo da Plenitude – a pessoa humana. Se esta se define pela busca da Verdade e do Amor, em liberdade, a Plenitude do Ser há-de conceber-se como a Plenitude da Verdade, o Amor infinito e a Liberdade absoluta; Amor infinito, que se dá, sem perda, em Verdade, para ser conhecido; em liberdade, para ser amado; em religião ou religião, para ser adorado.

E o mal, o pecado e a morte?

O mal não está primariamente nas contingências físicas da corporeidade, cujo somatório é a morte; não está em ser criatura, vivendo a tragédia de ser e não ser, pecado original atribuído a Deus; o mal definitivo está somente, depois de embarcados na viagem do ser temporal, em não corresponder, em liberdade e amor, ao Amor e Liberdade originários, infinitos, únicos valores e bens gratificantes, salvadores do mal, para a pessoa humana, em busca da felicidade.

O Deus pessoal continuará inatingível, inefável, inominável, Transcendência infinita e, ao mesmo tempo, Imanência infinita, quer dizer, não ao modo da energia da matéria ou da força vital, mas do encontro pessoal, em conhecimento, amor e liberdade, que se deseja e procura, assintoticamente.

E aqui podemos ficar.

Por aqui podemos ir, envoltos em Mistério, mas sem contradição, lembrados da origem, mas ansiando pela Meta; com saudade infinda de um Futuro indizível, absoluto e beatificante.

ÂNGELO ALVES

Algumas questões de estética medieval

Quando deparamos com a produção estética contemporânea, desde meados do século XX, nos diferentes domínios de expressão e nos mais variados suportes discursivos, somos surpreendidos, na heterogeneidade das propostas, pelo experimentalismo mais ou menos radical, pelo constante estalar de paradigmas e linguagens, pela superação mais inesperada das fronteiras que parecem delimitar cada campo de intervenção artística.

Esses modelos ou anti-modelos, essa linguagem ou tentativa de superação de todas as linguagens, não são estranhos à lógica de fragmentação que parece dominar as sociedades pós-modernas, quer nas categorias mentais dominantes, quer nas tão desafiadoras e por vezes angustiantes formas de sociabilidade. Por outro lado, eles são a consequência natural da constante necessidade de renovação histórica das formas de expressão estética.

Assim, quando ocasionalmente colocamos par a par uma instalação plástica ou sonora, um sequência musical do mais puro serialismo, uma sessão de *action painting*, com uma iluminura da Bíblia ou o frontão de uma catedral gótica, parece estarmos não só perante discursos aparentemente incomunicáveis, mas face a universos mentais que nos seus mais íntimos recantos nada sugerem ter a partilhar.

Essa sensação de estranheza, de uma enorme distância histórica e psicológica, é tão compreensível quanto os elementos próprios de uma estética ou de um discurso medieval, se encontram praticamente excluídos dos nossos espaços e vivências quotidianos. Na melhor das hipóteses, confinados a algumas exposições efémeras, ou a locais de culto que se tornaram objecto de uma admiração quase arqueológica.